TL98-3

MISSÃO DE PAZ VISTA DE TIMOR-LESTE E DA INDONÉSIA

1. Em Timor-Leste

Os timorenses acreditavam que o Lusitania Expresso chegaria a Dili. Esta confiança era-lhes transmitida por um lado pela presença do General Ramalho Eanes a bordo e por outro lado por estarem presentes cidadãos de diversas nacionalidades concretamente japoneses e norte-americanos.

A certeza de que o massacre de 12 de Novembro não deixaria de provocar respostas do Governo português fez com que esta missão fosse identificada com a resposta que se esperava apesar de não ser uma iniciativa governamental.

Para os timorenses não havia razão para que a missão fosse travada até porque os seus objectivos eram pacificos.

Esta atitude de alguma ingenuidade da parte dos timorenses é apenas consequência da angustia , do desespero e de terem a sensação de ter sido abandonados.

Os timorenses ficaram desiludidos com os parcos resultados da Missão até porque o período de preparação para a recepção não tinha sido isento de riscos e de danos (aprisionamentos e outros).

Na preparação para a recepção para o Lusitâniaesteve envolvida a amioria da população timorense. Durante este período cinco dos responsáveis pela preparação foram presos e estão até hoje desaparecidos. Outros, mais próximo da viagem tiveram a mesma sorte.

Os timorenses responsabilizam pelo pouco sucesso da missão - mais que à sua organização - o governo português que, com o seu silêncio e a sua falta de acção comprometeu a missão e fez perder a oportunidade e grande parte do tabalho desenvolvido.

A situação de Timor e a forma como se comprometeram os timorenses deviam merecer mais firmeza da organização da missão. Assistir à transformação desta numa viagem para resolver problemas financeiros de uma empresa, depois de se ter mobilizado a opinião pública internacional e os timorenses faz pensar que esta missão deveria ter tido uma preparação mais cuidadosa.

De uma vez por todas é necessário compreender que cada acção exterior compromete vidas de timorenses que muitas vezes são figuras chave na clandestinidade. Preparar mal qualquer acção que põe em risco peças fundamentais da resistência é falta de respeito para com quem resiste em

Timor-Leste e na Indonésia e é facilitar a vida ao invasor.

2. Na Indonésia

A visita do Lusitânea foi anunciada como sendo uma reacção de Portugal ao "incidente" de 12 de Novembro.

Havia muita informação (em quantidade, bem entendido) sobre o assunto. Todos os órgãos de comunicação social comentavam a missão mas, de uma forma ou de outra, a tónica era a mesma em todos: defender a posição do governo indonésio.

Houve no entanto alguma atitudes interessantes. A propósito da missão foi constituido um grupo de intelectuais indonésios que fizeram um trabalho de análise do contexto político e da situação de Timor. Esse mesmo grupo emitiu a opinião de que era despropositada e desproporcionada a reacção do governo a esta missão pacífica. Criticaram também o bloqueio à custa de força militar pois este só revelava ao mundo a brutalidade do regime indonésio e a sua falta de capacidade de diálogo imagem esta muito contrária à de tolerância que tentavam fazer passar.

Estas e outra reações tiveram papel muito importante para a consciencialização da opinião pública indonésia para o caso de Timor. Houve uma alteração de mentalidade. Este problema não é mais visto e não se aceita que ele seja um problema interno da indonésia. Para todos é claro que se trata de um problema internacional.

José Amorim